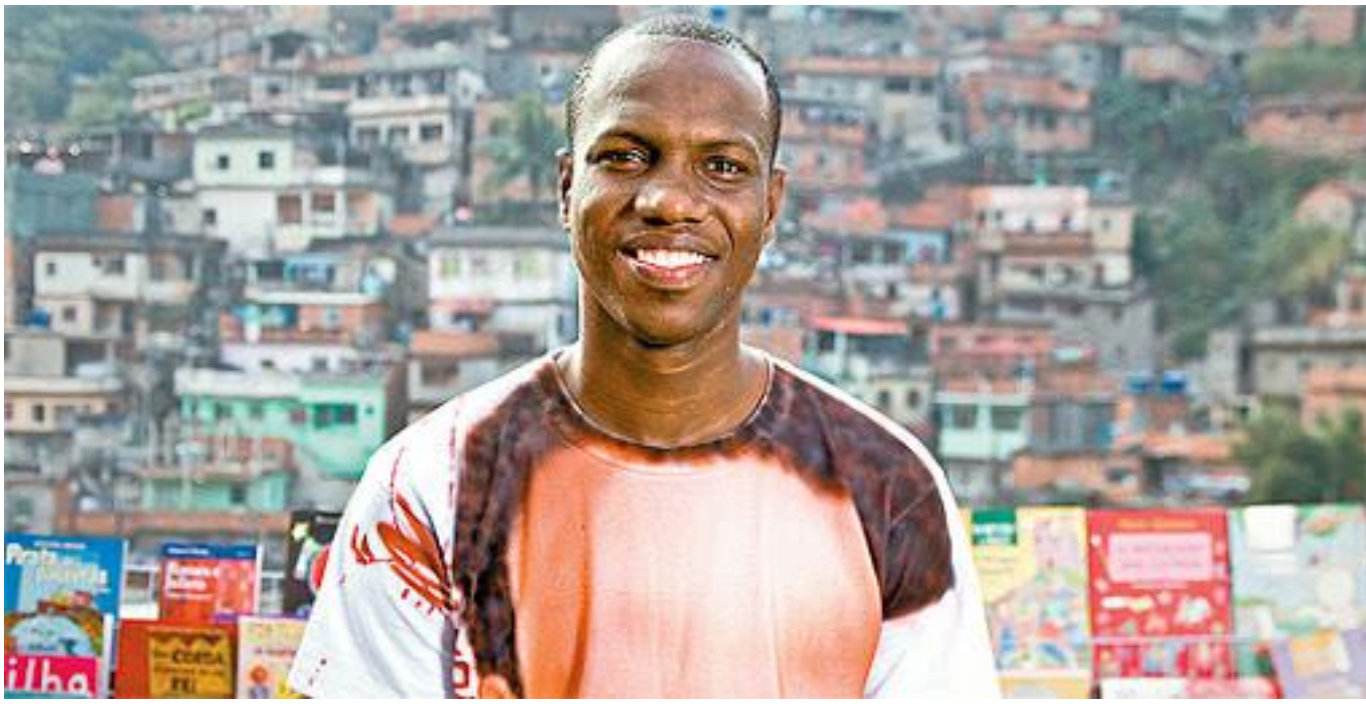
Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 39, Ago de 2021 – ISSN: 1983-2354
http://www.africaeafricanidades.com.br

COLUNA

CONTAS DE MISSANGA

Alessandra Gomes da Silva

Otávio Júnior e o prêmio Jabuti de literatura infantojuvenil (2020), uma trajetória

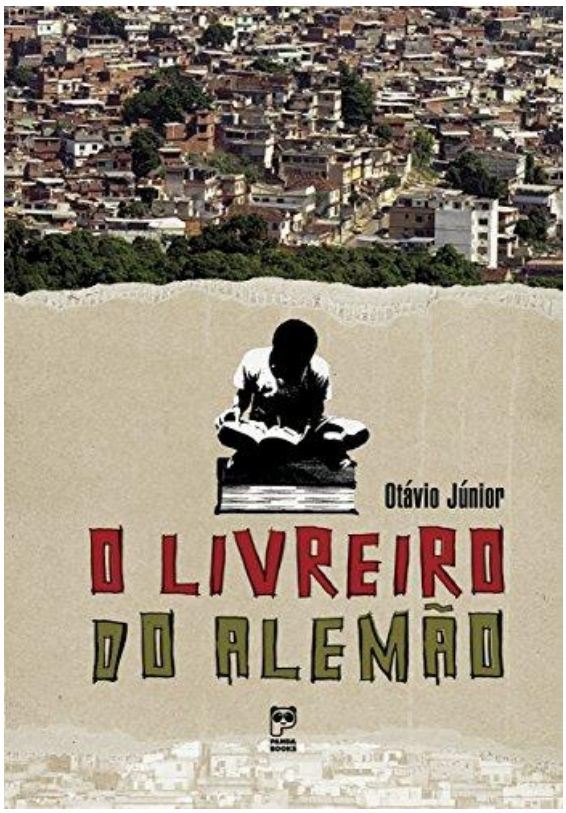


Escritor Otávio Júnior. Foto: *Foto Paula Giolito / Folhapress*

Uma das poucas alegrias que 2020 foi capaz de trazer, com certeza, foi o anúncio da premiação de um singelo livro infantil chamado “Da minha janela”, de Otávio Júnior. Conciso e delicado na linguagem, o autor já tinha algum reconhecimento por causa de um projeto de leitura organizado por ele no Morro do Alemão, chamado Ler é 10. Otávio Junior se declara um apaixonado pelos livros e nos conta em vários momentos como a literatura foi se tornando um ofício possível em sua vida. Seu primeiro livro chama-se “O livreiro do Alemão”, uma autobiografia bastante inspiradora de como o menino se construiu leitor, desde seu encontro com um livro no caminho de volta da igreja junto com sua mãe. Um livro em um lixão junto a um campinho de futebol foi o suficiente para encantar o

autor. A partir de então, foi crescente o interesse: a sala de leitura da escola, a biblioteca do bairro, a ideia de montar um espaço de leitura em sua comunidade.

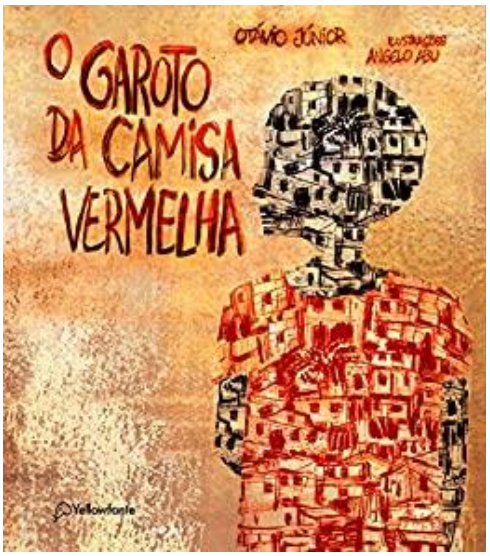
Com isso, cresce também o empenho do autor em se tornar um escritor literário, seu olhar se volta especialmente para os meninos que como ele também precisam se encantar com os livros, mesmo em situações algumas vezes adversas. Surge uma coletânea de livros infantis chamada “Lá do Beco”. Nela se encontram obras como “O menino da camisa vermelha”, “O chefão lá do Morro” e o premiado “Da minha janela”. Pelo próprio projeto editorial, podemos perceber uma aposta no desenvolvimento do gosto pela leitura das crianças. Os textos são curtos e as ilustrações compõem um projeto editorial rico e bastante sensível.

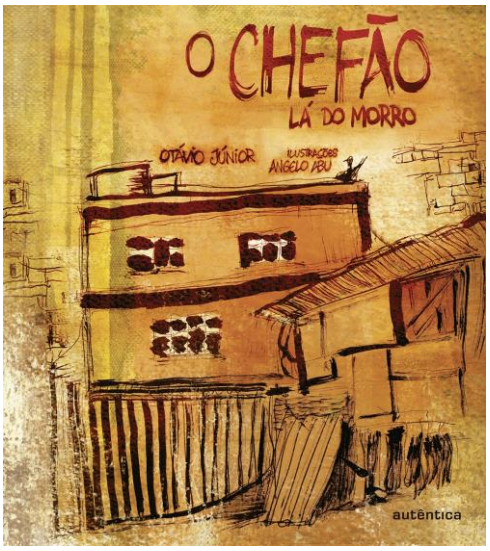


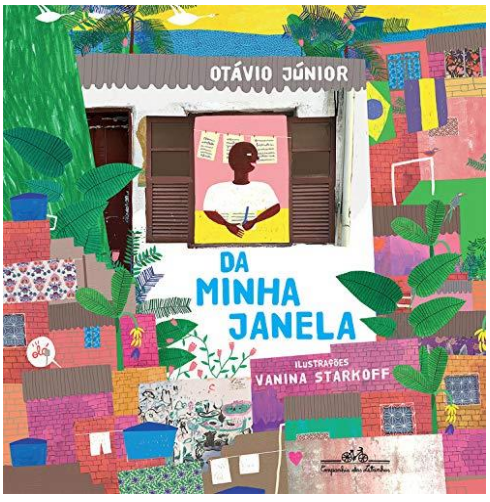
(Otávio Júnior, 2011, Ed. Panda books)

Naquela manhã, os grandões estavam jogando. Era difícil ver a bola dente de leite, velha e surrada. De tão gasta, ela já tinha perdido os desenhos que imitavam gomos pretos. Tinha a mesma cor da terra do campo. O entorno era um grande depósito de lixo. Não havia serviço de coleta na comunidade. comunidade. Todo o lixo era queimado ali mesmo. Para não invadir o terrão, fui caminhando pela sujeira. De repente, vi uma caixa cheia de brinquedos quase novos. Devo ter dado um grito de surpresa, de espanto, alguma coisa assim. Esse foi o meu erro. Todos que estavam em volta do campo ouviram e correram em minha direção. Os brinquedos só podiam ser de um menino com melhores condições de vida, que morava no pé do morro. Deu tempo apenas de pegar o livro que estava ali: Don Gatón. Não sei como explicar, mas tive olhos apenas para o livro, e não para os brinquedos, que foram rapidamente atacados. (Junior, Otávio. O livreiro do alemão (pp. 10-11). Panda Books. Edição do Kindle)

No trecho citado, o autor nos conta detalhadamente como foi seu primeiro contato com o livro. Esse cenário, que povoou o imaginário infantil de Otávio Jr., fará parte de modo direto ou não de algumas das narrativas do autor,







como veremos um pouco mais adiante. As dificuldades do cotidiano do menino pobre da favela são reveladas num discurso direto, sem grandes preocupações retóricas, reforçando os aspectos mais ásperos da desigualdade social que aquele contexto está sujeito. Otávio Jr. se destaca, incialmente, pelo projeto de leitura, ganhando incentivos de diferentes instituições e sendo mencionado pelo jornal O Globo, também podemos comentar a respeito da tradução de “O livreiro do alemão” para o francês.

Publicada a primeira obra, o interesse de Jr. volta-se para as crianças, que como ele, também tiveram pouco acesso à literatura. A visão, no entanto, não é apenas de disponibilizar um espaço com livros diversificados para os pequenos, a ambição é ter esses mesmos meninos presentes em narrativas literárias, assim surge a coleção “Lá no Beco”, que foi composta por três livros ilustrados que tinham como público-alvo crianças bem novas, a partir de 4 anos. Os livros foram: “O camisa 10”; “O chefe lá do morro, e possivelmente, o mais conhecido deles, “Da minha janela”. Os dois primeiros livros foram publicados pela editora Yellowfant e tiveram o mesmo ilustrador, Angelo Abu. Já o terceiro livro foi ilustrado por Vânnia Starmoff. A obra do autor até o momento ainda conta com mais dois títulos: “O Morro dos ventos uivantes” , “Grande circo Favela”, entre outros (segue uma lista mais elaborada ao final do texto).

Nesse momento, nos deteremos em tecer comentários a respeito dessa coleção, pois foi a primeira tentativa do autor de produzir seus textos especificamente para o público infantil. Todos os livros possuem ricas ilustrações e textos curtos, o que facilitaria, por exemplo, o engajamento na leitura para jovens leitores ainda em formação.

Podemos fazer uma primeira observação ao analisar as capas e as ilustrações que as compõem. Isso porque há uma mudança visível no traço e nas cores que são utilizados nos livros. O espaço das histórias, no entanto, continua o mesmo: a favela. A primeira capa coloca, inclusive, uma imagem das

casas da comunidade no interior da silhueta da criança, mostrando como a história narrada possui uma perspectiva diferente, já que é fundamentada pelo olhar desse menino, morador desse local. No segundo livro, não há nenhuma presença humana, sabemos o espaço, mas não compreendemos a quem caberá contar essa narrativa. Isso é fundamental para o segundo livro, que brinca com o imaginário a respeito da comunidade quando traz em seu título que abordará sobre “O chefão lá do morro”, sem mais nenhum tipo de informação visual. O que permite aos leitores tentar inferir a quem o texto se refere. Por fim, na terceira narrativa, temos a presença de um menino que observa de uma janela aberta. A janela é uma moldura bastante interessante que nos leva a pensar em diferentes ângulos e perspectivas, dependendo do ponto em que se vê. Além disso, trazemos conosco algumas metáforas relacionadas às janelas, como forma de ver o mundo, ou ampliação da visão de mundo a partir do que se pode ver pela janela.

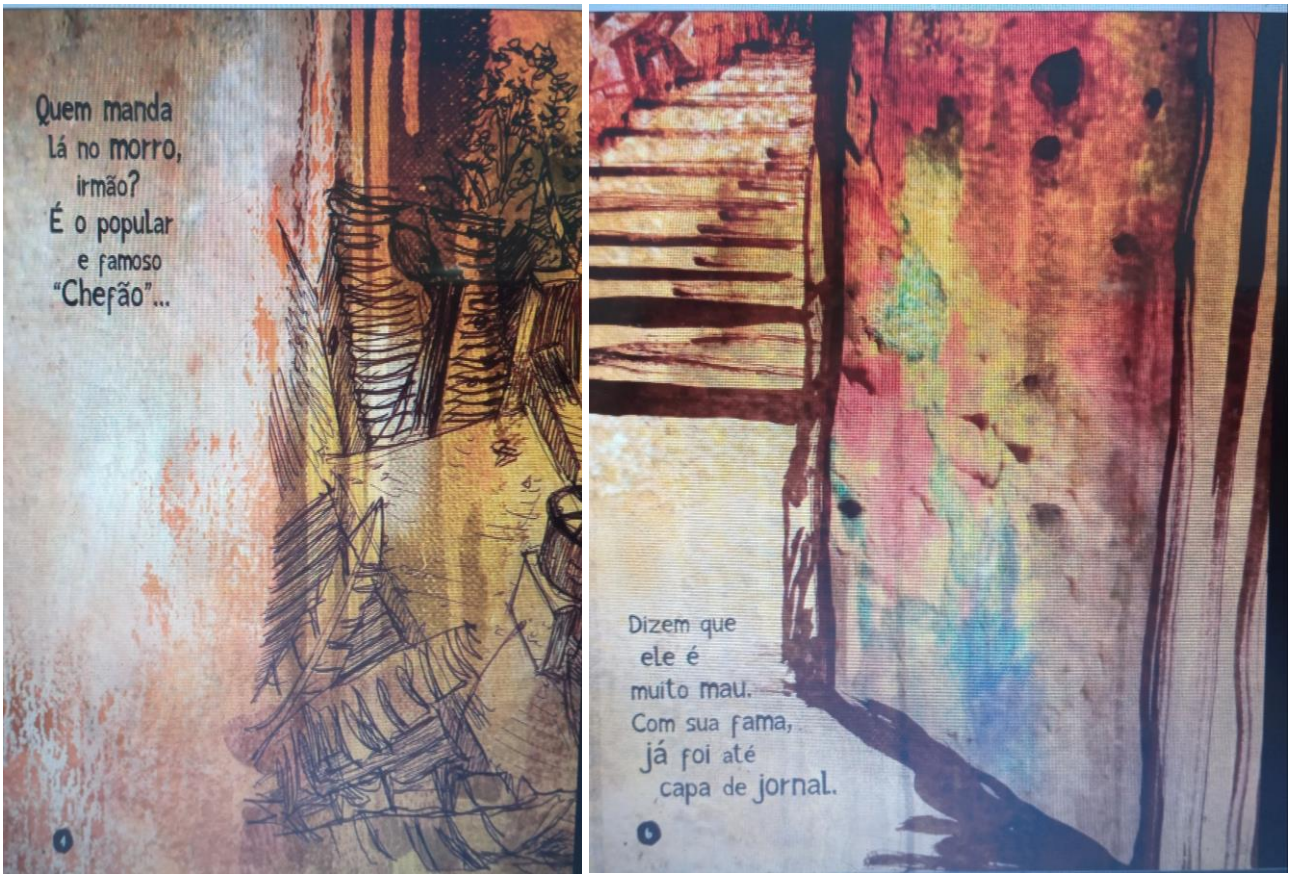
Ainda sobre a questão da ilustração, destacamos que os dois primeiros livros foram ilustrados por Angelo Abu, que indica ao final do próprio livro que desenhou uma favela que só existe em sua imaginação, já que o profissional nunca esteve em uma comunidade carioca. O mesmo acontece com a terceira ilustradora que menos contato teria ainda com a realidade das favelas do subúrbio carioca, já que Vannia é argentina. Mesmo com essas especificidades, acreditamos que a produção visual do livro é importante para compor a narrativa, ampliando as possibilidades de leitura do próprio texto.

Em “O menino da camisa vermelha”, há uma reelaboração poética da história narrada em “O Livreiro do alemão”. Embora o autor não adote um tom memorialístico no texto, há muitos elementos em comum com a biografia do próprio Otávio Jr..

(Trecho do livro em versão digital s/p.)

Nessa imagem, vemos reunidas algumas passagens importantes da formação do menino em leitor. O lugar improvável do encontro com o livro é ilustrado poeticamente com os elementos principais justapostos. Além disso, há uma concisão de linguagem que condensam a história do próprio autor narrada em pouquíssimas palavras.

Em seguida, selecionamos alguns trechos da segunda obra analisada, “O chefão lá do morro”.



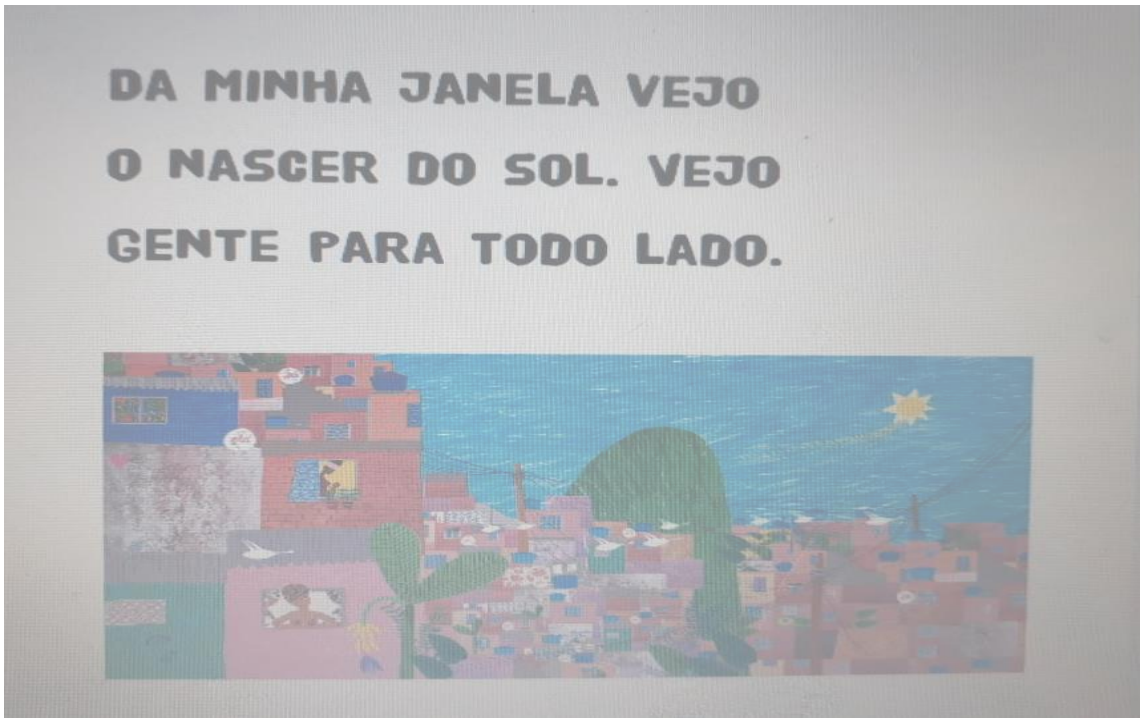
(Três trechos coletados da obra do autor em versão digital s/p.)

É visível que as obras vão num crescente imaginat

ivo. Se a primeira tinha um caráter autobiográfico, a segunda ganha uma linguagem mais infantil, concisa, poética, que compõe uma narrativa mais lúdica. Há uma aposta em uma narrativa mais lúdica, mais criativa. A narrativa em verso é jogo de advinha que ganha contornos específicos em função do espaço em que se passa a história. Tudo começa com a afirmativa enigmática "O chefão lá do morro". Pelo contexto, podemos notar uma série de dúvidas sobre quem e por quê haveria um "chefão" lá no morro. Essa dúvida prossegue durante todo o texto, já que o narrador só apresenta "o chefão" ao final do livro. Encontramos alguns versos "Dizem que ele é muito mal/ Com sua fama já foi até capa de jornal", depois o narrador prossegue até a última página, na qual, finalmente, nos é apresentado "o chefão", "Este é o chefão lá do morro, não sabia, não?", depois

explica melhor por meio de uma escrita carregada de humor “É um chefão que não tem raça, mas é um tipo cheio de graça!”. Assim, o mistério é resolvido com o texto desmistificando que seria o “Chefão”. É um texto lúdico, poético, dirigido a diferentes públicos, que podem adensar a narrativa sob diferentes óticas. Mesmo o texto sendo conciso, o que facilita a leitura para os jovens ainda em formação, a obra pode ser explorada de diferentes modos.

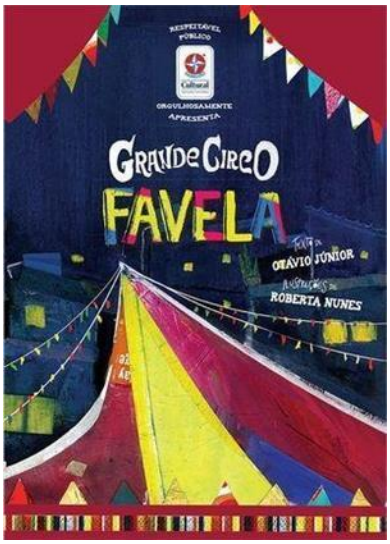
Por fim, o mais famoso dos textos atualmente de Otávio Jr. “Da minha janela”, vem com um olhar afetivo para o lugar seu lugar de origem. Além disso, desde a pandemia a imagem da janela ganhou outro contorno já que passou ser o nosso meio de acesso ao mundo externo. É a moldura do nosso olhar para a atual realidade em que a circulação do vírus pode ser atenuada a partir do distanciamento social. Pela janela, o narrador conta sobre seu cotidiano, o grande número de pessoas que transitam por aquele espaço, a irregularidade das edificações que tanto veem como são vistas, os problemas, quando todas as janelas devem estar fechadas, as brincadeiras, a busca pelos sonhos e a esperança num futuro melhor, “gente que vai em busca do seu tesouro”.



(Trecho coletado da obra do autor em sua versão digital s/p.)

E, assim, a narrativa vai explorando os diferentes aspectos da vida nas favelas. Ao final, o narrador convida o leitor a também contar o que vê da sua janela. Seria uma imagem parecida com a do livro? Uma visão totalmente diferente? Uma proposta para mobilizar diferentes pequenos leitores que podem ser tão diversos como a realidades dessas infâncias brasileiras.

Assim, concluímos nosso texto com a intenção de apresentar um autor da literatura infantojuvenil afrobrasileira contemporânea que consideramos ter sua obra num crescente em termos de potencialidade estética. Sua ficção voltada para os jovens leitores em formação contribui para o reconhecimento de muitos desses leitores de suas realidades em diferentes contextos brasileiros. São infâncias, por vezes, invisibilizadas, sobretudo, na escola, ampliando nossos repertórios para uma diversidade maior de narrativas. São textos bem ricos que podem facilmente compor diferentes espaços de leitura em nossas escolas.



Listamos algumas das principais obras do autor:

- O Livreiro do Alemão (Ed. Panda Books, 2011)
- O Garoto da Camisa Vermelha, ilustrado por Angelo Abu (Ed. Yellowfante, 2013)
- O Chefão lá do Morro, ilustrado por Angelo Abu (Ed. Yellowfante, 2014)
- Grande Circo Favela – Homenagem à Benjamin de Oliveira, primeiro palhaço negro do Brasil, ilustrado por Roberta Nunes (Ed. Estrela Cultural, 2019)
- Da Minha Janela, ilustrado por Vanina Starkoff (Ed. Companhia das Letrinhas, 2019)
- O Morro dos Ventos, ilustrado por Letícia Moreno (Ed. do Brasil, 2020)
- De Passinho em Passinho – um livro para dançar e sonhar, ilustrado por Bruna Lubambo, (Companhia das Letrinhas – ainda em pré-venda)

Alessandra Gomes da Silva

Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Puc - Rio. Tem mestrado pelo mesmo programa, com a dissertação "Por uma poética dos sentidos: a literatura no contexto da surdez" (2016). Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. Desde 2006, é professora de Ensino Básico e Educação Tecnológica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Tem interesse na interseção dos seguintes temas: educação antirracista, feminismo negro, acessibilidade e diversidade cultural, narrativas audiovisuais, leitura, literatura e surdez. É colunista da Revista África e Africanidades (2019) e membro da Comissão Editorial da Revista (2020).